

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA

ESTUDO DE CASO: TRANSTORNO DE APRENDIZAGEM

RÚBIA WERNECK COSTA SILVA

Anápolis – GO

2014

RÚBIA WERNECK COSTA SILVA

ESTUDO DE CASO: TRANSTORNO DE APRENDIZAGEM

Estudo de Caso apresentado à coordenação da Faculdade Católica de Anápolis para obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica sob Orientação da professora especialista Ana Maria Vieira de Souza.

Anápolis – GO

2014

RÚBIA WERNECK COSTA SILVA

Estudo de Caso

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica da Faculdade Católica de Anápolis como requisito para aprovação no curso.

Anápolis, ____ de _____ de 2014.

Profª Esp. Ana Maria Vieira de Souza

Profª Esp. Aracelly Rodrigues Loures Rangel

Profª MS. Marisa Roveda

DEDICATÓRIA

Dedico a minha Mãe, Helba e meu Pai, Misael, que pela arte de me amar incondicionalmente, me geraram e souberam me amar, me educar, me transmitindo os mais valorosos saberes, compartilhando comigo cada vitória, cada derrota, cada lágrima e alegrias.

Aos meus filhos, Pedro Henrique, Thiago e João Vitor, que com amor me fortaleceram, tornando-me capaz de enfrentar novos desafios, e com muita compreensão e paciência conseguiram dividir as finais de semana com meus dias de estudos. Amo Vocês!

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO.....	6
2 – PSICOPEDAGOGIA	7
3 – DIAGNÓSTICO.....	8
3.1 – Observação de Campo (anexo1).....	9
3.2 – Observação do aprendente:	10
3.3 – E.F.E.S (Entrevista Familiar Exploratória Situacional).....	10
3.4 – E.O.C.A (Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem)	12
3.5 – 1º Sistema de Hipótese (anexo 4)	13
3.6 – S.L.C.A. (Sessão Lúdica Centrada na Aprendizagem) (anexo 5)....	14
3.7 – Anamnese (Anexo 6).....	15
3.8 – Provas Pedagógicas (Anexo 7)	15
3.9 – Provas Operatórias (Anexo 8)	16
3.10 – Provas Projetivas (Anexo 9)	17
3.11 – Provas Psicomotoras (Anexo 10)	19
3.12 – 2º Sistema de Hipóteses (Anexo 11)	20
3.13 – 3º Sistema de Hipóteses (Anexo 12)	20
4 – INFORME PSICOPEDAGÓGICO (anexo13).....	22
5 – ENCAMINHAMENTO	23
6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	25
ANEXOS.....	27

1 – INTRODUÇÃO

O desenvolvimento e o crescimento de um país vêm por meio de uma educação de qualidade. Exigindo assim que toda a sociedade e os governantes a necessidade de investir muito mais na educação e na formação geral dos profissionais afins.

A psicopedagogia através de conhecimento e pesquisa, estuda e analisa as questões relacionadas ao processo de aprendizagem, o tratamento e a prevenção de seus problemas.

Focando as relações professor-aluno bem como as metodologias utilizadas, observando, analisando e avaliando o processo de desenvolvimento cognitivo emocional da criança, a aquisição da linguagem entre outros.

Considerando que nunca há uma causa única para o fracasso escolar, mas sim um conjunto de fatores que interagem uns com os outros, que imobilizam o desenvolvimento do sujeito e do sistema familiar num determinado momento.

Indiferente do fator em que apresenta dificuldade de aprendizagem (neurológica, emocional, cognitiva ou genética) o grupo familiar é um fator decisivo para andamento do diagnóstico do aprendiz.

2 – PSICOPEDAGOGIA

“A psicopedagogia é um campo de conhecimentos e princípios de diferentes Ciências Humanas, com a meta de adquirir uma ampla compreensão sobre os variados processos inerentes ao aprender do homem.” Alicia Fernandes

A Psicopedagogia no Brasil vem conquistando espaço junto aos educadores, pois, iniciaram-se os estudos e pesquisas das causas de não aprendizagem problemas, distúrbios e dificuldades da aprendizagem, em busca de soluções.

O trabalho psicopedagógico atua no interior do aluno sensibilizando-o, para a construção do conhecimento, considerando o ambiente em qual o aluno esta inserido. Requerendo também uma transformação na postura do professor, contribuindo para pesquisa e diagnóstico do aprendente.

O caminho para o diagnóstico é a observação, análise, intervenção, a interligação dos fatos, interagindo,entrelaçando, tecendo uma linha de investigação a qual requer do professor um novo foco na tentativa de investir resolvendo situações inerentes ao processo ensino aprendizagem.

3 – DIAGNÓSTICO

“Todo diagnóstico psicopedagógico é, em si, uma investigação para obter uma compreensão da forma de aprender do sujeito e dos desvios que estão ocorrendo nesse processo, o objetivo do diagnóstico é identificar os obstáculos que impedem o sujeito de crescer na aprendizagem dentro do esperado pelo meio social.” Maria Lucia Leme Weiss

Para a realização desse diagnóstico, a atuação do psicopedagogo não se restringir apenas ao ambiente escolar, a investigação se expande também às relações familiares e sociais da criança.

As análises, observações e reflexões formam um material indispensável na construção de hipóteses que irão levar ao diagnóstico das causas que geram dificuldades de aprendizagens.

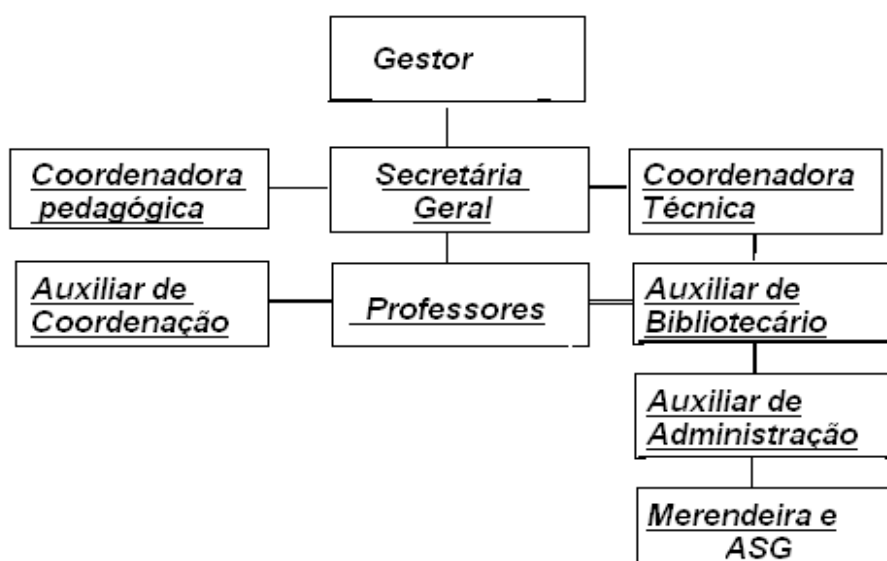
3.1 – Observação de Campo (anexo1)

A Escola Municipal C.M.E. Desembargador Air Borges de Almeida é uma unidade da rede pública municipal situada na Rua SW 13, Vila Norte, Anápolis-Go. Atendendo o ensino fundamental do 1º ao 5º ano. Sua estrutura física é composta 11 salas de aula bem arejadas com janelas, ventiladores, quadro negro com boa visibilidade. Possui banheiros feminino e masculino, bebedouros, uma biblioteca, um laboratório de informática, uma sala para Atendimento Educacional Especializado (AEE), uma sala onde funciona o arquivo morto da prefeitura, um depósito onde são guardados os materiais utilizados na limpeza da escola, livros didáticos e demais materiais, uma quadra coberta onde funciona como pátio, uma cantina e mais seis salas onde funciona a parte administrativa da escola (coordenação, sala dos professores, direção e secretaria). A higiene é feita regularmente em toda escola.

Nesta unidade escolar são atendidos alunos na faixa etária de 06 a 11 anos. Assim distribuídos: período matutino 1º ao 5º ano e período matutino e vespertino, totalizando 651 alunos.

O Projeto Político Pedagógico defende a ideia de fundamentar-se numa concepção de criança como cidadã e deve traduzir-se em ações sistemáticas como preparação para a vida e para o trabalho.

A estrutura organizacional da instituição está dividida de acordo com o seguinte organograma.



3.2 – Observação do aprendente:

Ouvindo a Escola-Queixas (Anexo 2)

A aluna M.R.R.S. foi indicada por sua professora para esse estudo de caso por apresentar dificuldade na aprendizagem e na socialização com os colegas.

A criança tem dificuldades na leitura, escrita, esta no 4º ano do ensino fundamental. Em sala de aula mostra-se desatenta como se somente seu corpo estivesse ali. Em atividades extra-sala, mantém-se desleixada, caderno sujo, sem sequência de anotações que são feitas faltando letras, às tarefas de casa não estão feitas conforme a professora ordenou.

“O fracasso escola de um aluno não pode desconsiderar as relações significativas existentes entre a produção escolar e as oportunidades reais que determinada sociedade possibilita aos representantes das diversas classes sociais.” Maria Lucia Lemme Weiss (1999)

Assim, alunos de escolas públicas brasileiras provenientes das camadas de baixa renda da população são frequentemente excluídos com limites e problemas graves de aprendizagem.

Na realidade lhes faltam oportunidade de crescimento cultural, de rápida construção cognitiva e desenvolvimento da linguagem que lhes permita maior imersão num meio letrado, o que, por sua vez facilitará o desenvolvimento da leitura e da escrita, o qual fazendo um diagnóstico correto e apropriado para esse aluno.

O primeiro passo, para formar um diagnóstico foi observar a aluna no ambiente escolar. Com essa finalidade, fiz o acompanhamento da aprendente em sala de aula e em ambiente extra-sala, a organização de seu material e seu relacionamento com os colegas.

3.3 – E.F.E.S (Entrevista Familiar Exploratória Situacional)

De acordo com Weiss (2001) a E.F.E.S., “visa compreender as queixas e observar as relações existentes entre os envolvidos nas dimensões familiar e escolar.”

O ambiente deve ser de confiança, respeito onde cada um exerça o seu papel, sabendo ouvir e ser ouvido. Registrar-se tudo já com a intenção da construção das hipóteses esse processo, provocar situações onde toda a família possa participar.

Enquanto isto, o profissional deve estar observando: quem é? Onde mora? O que faz cada um? Como se relacionam? Como se organizam? O que desejam?

O objetivo da E.F.E.S é a compreensão da queixa nas dimensões familiar e escolar, a captação das relações e expectativas familiares centradas na aprendizagem escolar.

Na E.F.E.S, criou-se um clima de confiança para permitir uma liberdade de expressão para que se pudesse fazer observações tais como: interferência e participação da menina nas conversas e nas decisões da família.

Durante a entrevista a mãe deixou claro que a menina tem mais liberdade com o pai, porém maior respeito e obediência a ela, o pai é caminhoneiro e fica pouco tempo com M.R.R.S.

Relatei partes da entrevista com o M.R.R.S. 11 anos 4º ano do ensino fundamental.

* Você gosta de ler?

R - Muito pouco, gosto de brincar com bonecas, de casinha, vídeo game.

* Como anda o ambiente do colégio?

R – A professora fala que não faço as tarefas os colegas falam que sou muito preguiçosa e boba, acho o prédio da escola bonito.

* O que você acha?

Pai – Não tenho muito tempo para envolver com a escola, pois no serviço rodo turno quando estou em casa tento ser o máximo dedicado e carinhos com ela e filhos.

Mãe – Tenho muita dificuldade em tentar ensina-la, pois ela tem muita dificuldade de entender e compreender.

* O que você acha que vai acontecer esse ano? Vai passar?

R – Acho que sim, porque estou estudando muito, mas tenho colegas que as dizem que não porque não presto atenção nas aulas.

* E você sabe?

R – Acho que sim quando a professora explica, eu “acho que aprendi”, mas na prova não lembro de quase nada.

Mãe – Ela é distraída, estuda em casa e a professora disse que ela não presta atenção nas aulas, fica aéreo o tempo todo.

R – Não copio a matéria do quadro porque a professora não espera, quando começo a copiar ela apaga.

Com essa entrevista percebi que a mãe tem muita paciência com ela e o pai não tem tempo para dar atenção aos estudos da filha. Percebi também que além, da dificuldade e falta de interesse do M.R.R.S. em estudar existe também o D.D.A já que toda vez ela menciona que quando vai copiar a matéria do quadro a professora apaga.

3.4 – E.O.C.A (Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem)

Segundo Weiss (2001) essa entrevista, trata-se de um procedimento de diagnóstico flexível, investigando aspectos psicogenético, psicanalítico ou psicossocial.

Prepara-se um local previamente em seguida desenvolve-se um dialogo espontâneo cõa a apresentação de uma caixa de trabalho contendo vários objetos e com comando de fácil compreensão, ou seja, conforme a idade do aluno.

Em todo momento, construir a entrevista de maneira espontânea, porém dirigida de forma experimental.

Serão observados durante a entrevista:

- Temática: Tudo que o cliente fala.
- Dinâmica: gestos, entonação de voz, atitude em geral.
- Produto: Cliente revelado no papel.

As propostas a serem feitas na E.O.C. A, assim como o material a ser usado, varia de acordo com a idade e a escolaridade do paciente. O material comumente usado para M.R.R.S. foi composto de folhas de papel oficio A4, lápis de

escrever (sem ponta) apontador, lápis de cor, giz de cera, tinta guache, pincel, tesoura, régua, revista, jornais, livro, massa de modelar, jogo de varetas, jogo de xadrez, quebra-cabeça.

Para iniciar pedi para a M.R.R.S. que olhasse o material da caixa e usando o que quisesse e montasse alguma coisa que soubesse fazer.

Demonstrando uma pequena curiosidade ela começou a tirar as coisas da caixa, pegou as varetas, logo em seguida o jogo de xadrez, depois o quebra-cabeça não quis nenhum. Depois pegou uma folha de papel e lápis de cor e começou a desenhar uma casa com animais perto da casa sempre imitando os animais.

Pegou outra folha e disse que iria desenhar a fazenda do avô dela. Fez uma casa, galinha pintinhos e cavalo, continuou a imitar os animais, na terceira folha pintou matas, rios, sol e animais.

Dessa vez permaneceu em silêncio durante o tempo que desenhava, notei que ela ficou triste enquanto fazia os traços que eram sem detalhes como boca, unhas, forma. Depois de um longo silêncio começou a falar sobre o desenho.

A fazenda do avô Zé era boa depois que ele morreu ficou feia, os animais também ficaram triste. A mata esta do mesmo jeito não mudou, o sol continua a brilhar e o rio a correr na mesma direção.

A partir da análise da temática dinâmica e do produto observado no E.O.C. A, obtenho o material que me permite traçar o primeiro sistema de hipóteses.

3.5 – 1º Sistema de Hipótese (anexo 4)

“Só ensina quem aprende cada pessoa tem uma maneira pessoal de aproximar-se do conteúdo configurado à modalidade de aprendizagem que é construída desde o nascimento e traz à angústia inerente do conhecer-desconhecer.” Alicia Fernandez (1991 – pág. 107).

M.R.R.S. não apresenta problemas funcionais, tem vocabulário pobre, coerente com o meio familiar, tem leitura ainda silábica, dificuldades nas operações matemáticas, apresenta muita timidez e baixa autoestima e a necessidade de ser compreendida e amada.

3.6 – S.L.C.A. (Sessão Lúdica Centrada na Aprendizagem) (anexo 5)

Segundo Jean Piaget, em pesquisa sobre a construção de pensamento e da sociabilidade, mostra a elaboração do jogo nas diferentes idades, o que nos permite ter alguns parâmetros para a elaboração do jogo infantil. Conforme Weiss (2001), na sessão lúdica diagnóstica ocorre espontaneamente e podem ser feitas intervenções provocadoras e limitadoras para observar a reação da criança diante de diversas situações.

“Possibilita uma compreensão mais integradora do brincar da aprendizagem. Assim resume seu pensamento: é no brincar e somente no brincar que o indivíduo, criança ou adulto pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral, e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu.” Winnicot (1975. p. 80).

Aqui a palavra lúdica é usada no sentido do processo de jogar, brincar, representar, como conduta semelhante na vida infantil.

Quando M.R.R.S. chegou e viu a caixa de trabalho sobre a mesa perguntou-me se podia abri-la e escolher o material para jogar; eu disse que sim, ela começou a remexer no material e pegou o jogo de varetas e me chamou para jogar com ela. Sentamos no chão e começamos a brincar. Ela não prestava muita atenção no jogo, não via quando uma vareta se movia. No final ela mesma contou os pontos e quis parar de brincar, pois ela estava perdendo.

Aproveitei a oportunidade e perguntei a ela qual a dificuldade que ela encontrava para retirar uma vareta sem mover às outras. M.R.R.S. respondeu que só olhava para as varetas vermelhas, azuis, amarelas e não via quando as outras se movia ao retirá-las.

Em seguida M.R.R.S. pegou a massa de modelar e começou a fazer um animal, perguntei o que era ela disse: era um boi. Logo em seguida deixou a massa e disse que estava cansado e não ia fazer mais bichos. Percebi que ela não presta atenção nas atividades e não termina o que começa. Não gosta de fazer atividades que exige concentração, desconfiei que ela tivesse problemas de visão, pois aproxima muito os materiais perto do rosto.

3.7 – Anamnese (Anexo 6)

“Nas anamneses, observam-se uma necessidade e urgência de obterem dados que atuam como obstrução para a possibilidade de situar numa atitude analítica ante o discurso. Esta urgência para obterem dados somente pode ser atendida ante o desejo de encobrir a angústia que provoca a espera necessária”. Alicia Fernandes (1990)

A entrevista de anamnese é um dos pontos cruciais de um bom diagnóstico. É ela que possibilita a integração das dimensões do passado, presente e futuro do paciente, permitindo perceber a construção ou não de sua própria continuidade e das diferentes gerações, uma anamnese da família. A visão familiar da vida da paciente M.R.R.S. traz em seu bojo seus preconceitos, normas, expectativas, a circulação dos afetos e do conhecimento além, do peso das gerações anteriores que foi depositado sobre a paciente M.R.R.S.

Segundo os pais de M.R.R.S. desde pequena ela é calma, distraído a mãe a considera para dona. Disse que a menina já teve acompanhamento com uma psicóloga, mas não surtiu efeito. Ela é muito fechada com a mãe tendo mais liberdade com o pai que brinca muito com ele nas horas de folga. É nervosa com o irmão mais novo com palavras e atitudes, tem por amigo o cachorro de nome Baby. No entanto é meio tímida para dançar, o pai relata que M.R.R.S. só faz toda tarefa quando ele está em casa e promete que ao terminar eles vão brincar.

Quanto à vida escolar, M.R.R.S. gosta da professora e de poucos colegas, mas gosta de ficar na sala quando a professora passa filme de desenho.

A reflexão sobre estes e outros dados colhidos na anamnese possibilitará contextualizar M.R.R.S. no ambiente familiar e escolar e traçar hipóteses que levarão ao diagnóstico.

3.8 – Provas Pedagógicas (Anexo 7)

“O conhecimento não é uma cópia da realidade, para conhecer um evento não basta simplesmente observá-lo e fazer uma cópia mental ou uma imagem dele, para conhecer um objeto é preciso agir sobre ele, conhecer é modificar, transformar o objeto e compreender o processo de sua transformação e, em consequência disso compreender de que modo o objeto é construído.” Piaget (1978, p. 102)

O diagnóstico psicopedagógico deve levar em conta uma nova visão promovendo situações em que ler e o escrever tenha um significado.

Deve-se definir o nível pedagógico a fim de verificar a adequação a série (ano) observar como o aprendiz interage com o conteúdo, bem como sua postura diante de um desafio, se a queixa é em matemática, deve-se atentar nessa área. Também é bom procurar perceber em quais aspectos se encontra a comunicação oral entre o aprendiz e a escola.

Quando M.R.R.S. pegou o livrinho de história “Os três porquinhos” e começou a fazer a leitura percebi que ela fazia leitura do desenho, olhei para ela, logo o notei que não estava lendo, começou a ler apenas o enfileiramento das palavras e frases ainda na fase silábica. Pelos textos observei a falta de significado na leitura refletindo nas outras disciplinas. M.R.R.S. não resolve problemas de matemática quando escrito, esse fracasso na matemática pode ser pela falta de leitura e não propriamente de raciocínio.

Para M.R.R.S. escrever é desagradável, isto ficou bem nítido quando pedi a ela que escrevesse uma história e que resolvesse algumas operações matemáticas, vi que ficou desanimada, insegura, balançava os braços, mordida o lápis e aproximava muito a folha do rosto.

3.9 – Provas Operatórias (Anexo 8)

Conforme diz, Piaget “deve ser aplicada considerando a série (ano) e a idade do aprendiz.” Às vezes, por uma única prova encerram-se as outras. Sua aplicação baseia em questionamento, objetivando determinar o grau de aquisição de algumas noções básicas – chaves do conhecimento cognitivo determinando o nível de pensamento e compreensão em que o aprendiz se encontra, comparando-o com exigência da escola.

Descrição do material:

40 – figuras geométricas

5 – círculos pequenos azul

- 5 – círculos pequenos verde
- 5 – círculos grandes azul
- 5 – círculos grandes verde
- 5 – quadrados pequenos azul
- 5 – quadrados pequenos verde
- 5 – quadrados grandes azul
- 5 – quadrados grandes verdes
- 1 – folha dividida em quatro partes.

Iniciei a prova colocando as folhas de forma desordenada sobre a mesa, pedi que relatasse o que ela via M.R.R.S. disse que era um quadrado. Então pedi que ela colocasse juntas aquelas que fossem muito parecidas. Quando terminou, perguntei por que ela distribuiu daquela maneira, ela respondeu que colocou assim porque são iguais e formam pares.

Na dicotomia fez dois grupos: um par de quadrados e um par de círculos.

Suas respostas são de nível 1, ela não percebe a totalidade, só percebe as semelhanças, ou seja, sabe reconhecer a igualdade ou a diferença entre as duas fichas, mas não consegue perceber a relação simultânea de cada ficha com as demais.

Fica em dúvida quando pergunto quantas fichas verde e azul em forma de quadrados existe em cima da mesa.

3.10 – Provas Projetivas (Anexo 9)

“Tais provas avaliam os vínculos na dimensão emocional, afetividade do aprendente em relação ao seu meio familiar, à sua escola e a si mesmo expressando-se e/ou expondo-se através de desenho sobre temas sugeridos como: vínculos de aprendizagem vínculo familiar, vínculo consigo mesmo.” Jorge Visca.

- * Vínculo de aprendizagem
- Quem ensina e quem aprende
- Eu e meus companheiros

Para a entrevista M.R.R.S. perguntou-me o que faríamos neste dia, entreguei-lhe uma folha de papel e pedi que desenhasse quem ensina e quem aprende na escola. Olhou para mim atentamente e sempre me perguntava como podia desenhar a professora. Desenhou quem ensina bem grande na frente da sala, com braços longos e finos com um giz na mão, com a cabeça pequena, sorrindo e de cabelos lisos e longos, pescoço médio e pernas curtas e finas. Desenhou quem aprende ao lado de quem ensina com braços longos e pernas curtas, com cabelos liso e longo, desenhou uma lousa no alto da folha, a frente de quem ensina e desenhou ainda uma mesa, com um caderno, um lápis e ao lado uma mesinha com quem aprende, tendo um caderno, um lápis e uma borracha, M.R.R.S. me disse que aquela carteira perto da mesa da professora era ela.

Indaguei então a M.R.R.S. que título daria ao desenho e qual a idade das pessoas que ele desenhou. Ela me disse que daria o título “Minha Escola” quem ensina é sua professora, Deise com 32 anos, e quem aprende é ela próprio com 11 anos. M.R.R.S. colocou a idade correta dela e da professora, perguntei então o porquê dos objetos desenhados abaixo da lousa. M.R.R.S. respondeu que na sala de aula quando a professora ensina tem que ter quadro e o giz e que quando ela e as colegas aprendem tem que ter caderno, lápis, borracha e a carteira.

Ao desenhar eu e suas companheiras M.R.R.S. fez uma sala de aula com quadro negro na frente de quem aprende e algumas carteiras enfileiradas com meninos magros, alguns com cabelos e outros não.

Perguntei-lhe que nome daria ao desenho e qual a idade das pessoas que estavam ali desenhadas M.R.R.S. respondeu que era sua classe e seus colegas uns tinham 8 anos, outros 9 anos, outros 10 e que daria o nome de “Minha sala de aula”.

Observando o desenho de M.R.R.C. com o quadro na frente dos alunos sentados nas carteiras demonstra interesse de M.R.R.S. pela aprendizagem.

* Vínculo Familiar

- Quatro momentos do meu dia

Os quatro momentos que foram representados.

1 – Ao se levantar

2 – Fazendo a refeição

3 – Na escola

4 – Brincando com seu cachorro Baby

* Eu e minha família

Pedi a M.R.R.S. que desenhasse sua família, e ele desenhou o pai, a mãe, ela e o irmão mais velho, todos do lado de fora da casa e apenas ela dentro da casa. Todos com o corpo de forma indefinida e inacabada mostrando não ter muita noção dos membros e suas funções.

* Vínculo consigo mesmo.

- Meu Aniversário

Solicitei a M.R.R.S. que desenhasse uma cena dela próprio, como por exemplo, seu aniversário, ele desenhou um bolo com uma vela em cima de número 11, desenhou o pai e a mãe, o irmão mais velho ela e seu cachorro Baby. Quando desenhava disse que nunca teve uma festa de aniversário, e que queria uma toda cor de rosa e lilás.

* O que mais gosta de fazer

A aprendente M.R.R.S. desenhou uma cena em que ela estava brincando com seu cachorro Baby e disse que o que mais gosta de fazer é brincar e conversar com seu cachorro.

3.11 – Provas Psicomotoras (Anexo 10)

De acordo com Fernandez (p. 107), só ensina quem aprende o que desloca a preocupação do ensinar para o aprendente. Cada pessoa tem uma maneira pessoal de aproximar-se do conhecimento, configurando a modalidade de aprendizagem que é construída desde o nascimento e que traz angústia inerente do conhecer – desconhecer.

Ao aplicar a prova de Português, utilizei uma folha quadriculada, um lápis e um cronômetro. Ao entregar a folha e o lápis a M.R.R.S. disse-lhe que com a mão direita ela traçasse como quisesse desde que fosse só um risco em cada quadrado sem pular nenhum e nem ir para trás riscando até eu falar pare com a folha muito próxima ao resto. M.R.R.S. fez alguns traços tentando se ordena e poucos

ultrapassaram os quadriculados. Com a mão esquerda M.R.R.S. apresentou muita dificuldade, custando até mesmo a segurar no lápis, conseguindo fazer menos riscos e desordenados.

Durante a aplicação dessa prova observei a coordenação motora, instabilidade, impulsividade e ansiedade, concluindo que M.R.R.S. tem a lateralidade direita relativamente dominada, mantendo certo domínio de coordenação não acontecendo o mesmo com a esquerda. Observei também que M.R.R.S. apresenta dificuldade visual o que lhe atrapalhou na realização da prova.

Ao pular amarelinha M.R.R.S. não conseguia pular dentro do quadrado, pisando sempre nas divisas do quadrado, demonstrando que tem dificuldades de enxergar objetos, traços, linhas longe dos olhos.

3.12 – 2º Sistema de Hipóteses (Anexo 11)

Na visão de Vigotsky, o conhecimento é um processo social desde o nascimento, portanto o inatismo e o ambientalismo revelam as dimensões biológicas e culturais do homem e a forma pela qual o sujeito aprende e se desenvolve, mais particularmente, as possibilidades da ação educativa. Cada uma delas é marcada pelas características do momento do contexto sócio-histórico em que vive o indivíduo.

No caso de M.R.R.S., confirma-se a dificuldade na leitura, nas operações matemáticas, baixa auto-estima e falta de vínculo de amizade e começa a apresentar dificuldade visual.

3.13 – 3º Sistema de Hipóteses (Anexo 12)

“É preciso reverter às bases de uma mudança na metodologia, mas tentando modificar o tipo de vínculo docente/aluno, transformando o espaço de confiança, incentivando professores que possam ensinar com prazer, para que dali como consequência surjam alunos que possam aprender com prazer.” Fernandez (1991 p. 16).

Nesse terceiro sistema de hipóteses podem-se confirmar as hipóteses anteriores, M.R.R.S. realmente tem grandes dificuldades na leitura, na escrita e nas operações matemáticas, que pode acontecer devido à dificuldade visual que o garoto apresenta.

Quanto aos fatores afetivo e cultural M.R.R.S. necessita de estímulo para aproximar-se da mãe e do irmão mais velho, para fazer amizades participar mais de eventos de sua comunidade, se interagir com outras crianças de sua idade para que possam trazer-lhe cultura e conhecimentos necessários para melhoria de seu vocabulário.

4 – INFORME PSICOPEDAGÓGICO (anexo13)

“Ao final do diagnóstico psicopedagógico, o terapeuta já deve ter formado uma visão global do paciente e sua contextualização na família, na escola e no meio do seu modelo de aprendizagem, o que já aprendeu o que pode aprender, o que interfere no aprender cognitivo, afetivo social, que recurso possui, se os mobiliza ou não, que direção toma esses interesses e motivação na busca do conhecimento.” Maria Lúcia Weiss

Nas análises feitas pode-se perceber que no aspecto cognitivo M.R.R.S. apresenta dificuldade na leitura e na realização de atividade devido à interpretação pela falta da leitura.

No aspecto afetivo, demonstra muita dificuldade de socialização, tendo maior vínculo com o pai e com seu cachorro Baby. No funcional é nítida a dificuldade na visão, que pode estar conduzindo-o às outras dificuldades.

Apesar de ter lateralidade definida e boa coordenação, atrapalha-se na escrita pela deficiência visual.

5 – ENCAMINHAMENTO

“A aprendizagem é definida como um processo é uma função que vai além da aprendizagem escolar e que não se circunscreve exclusivamente à criança, fazendo uma simplificação, uma abstração do processo de aprendizagem, encontramos-nos ante a uma cena em que há dois lugares: um onde está o sujeito que aprende outro no qual colocamos a personagem que ensina.” Alicia Fernandes

Um polo em que está o portador do conhecimento e outro pólo que é o lugar onde alguém vai tornar-se sujeito. Quer dizer que não é sujeito antes da aprendizagem, mas que vai chegar a ser sujeito porque aprende.

Analisando o caso de M.R.R.S. percebi que é esforçada, mas necessita passar por uma consulta oftalmológica, para que seja diagnosticada e corrigida sua dificuldade visual, uma consulta com fonoaudiólogo, para que seja diagnosticada e corrigida a dificuldade na fala e acompanhamento de um profissional adequado que possa ajudá-la na redução e na recuperação de fragmento do tempo em que não ocorreu o processo de ensino-aprendizagem devido à disfunção levantada.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo ser humano é capaz de mudanças de acordo com as oportunidades que encontram.

Participar do estágio supervisionado foi a oportunidade de reconhecer a importância da psicopedagogia e do quanto o profissional pode participar na reintegração de uma pessoa em seu meio familiar, social e cultural.

Conhecer M.R.R.S. e sua família, conviver com ela e os problemas que a acompanham e encontrar uma possível solução, foi uma experiência que manifestada e transformada numa atividade intelectual criadora, inovadora que com certeza me acompanhará mostrando-me a beleza da psicopedagogia, de quem usa os conhecimentos dela e pode contribuir para promover a reflexão, a pesquisa e o debate, como uma fonte aliada na formação dos discentes. Provando-me que todos podem ser vencedores, basta confiar em seu potencial e crer que seus projetos podem tornar realidade.

7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Laura Monte Serrat. **Projetos de Trabalho**. Uma forma de atuação Psicopedagógica. [s.e]. Curitiba: Monte, 1998.

BOSSA, Nádia A. **A Psicopedagogia no Brasil** – contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes médicas, 1994.

DONELL, Juan José Conte Mac. Manual. Provas de diagnóstico operatório. Buenos Aires C.E.M. 1979 (Revisada 1994).

FERNANDEZ, Alicia. **Inteligência Aprisionada**. Abordagem psicopedagógica. clínica da criança e sua família. 2e. Porto Alegre: Artes médicas, 1991.

GROSSI, Esther. BORDIN, Jussara. **Paixão de Aprender**. 6e. Petrópolis RJ: Vozes, 1994.

JOSÉ, Elisabete. COELHO, Maria Teresa. **Problemas da Aprendizagem**. 4e. São Paulo: Ática, 1993.

OLIVEIRA, Gislene de Campos. **Avaliação psicomotora**. – à luz da psicologia e da psicopedagogia. Petrópolis – RJ: Vozes, 2003.

PAIN, Sara. Diagnóstico e Tratamento dos problemas da Aprendizagem. 4e. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

SCOZ, BARONE, CAMPOS & MENDES. Psicopedagogia – contextualização, formação e atuação profissional. 2e. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

VAYER, P. & Pico. L Educação Psicomotora e Retardo Mental. Aplicação aos diferentes tipos de inadaptação. [s.e] São Paulo: Manolo.1988.

VISCA, Jorge. **Clínica Psicopedagógica**. Epistemologia convergente. [s.e] Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

_____ **Técnicas Projectivas Psicopedagógicas**. 3edición, Argentina / Buenos Aires, 1997.

WEISS, Maria Lúcia L. **Psicopedagogia Clínica**. Uma visão diagnóstica dos problemas da aprendizagem. 8e. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

Psicopedagogia ONLINE – Internet.

MONEREO, Carlos. **O assessoramento psicopedagógico**: uma perspectiva profissional e construtiva. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

ROSSINI, Maria Augusta Snches. Aprender tem que ser gostoso. Petrópolis, RJ: VOZES, 2003.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e realidade escolar**: o problema escolar e de aprendizagem. 11e. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SCOZ, Beatriz, PINTO, Silva Amaral de Melo. (coord.) **Psicopedagogia**: Um portal para a inserção social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

ANEXOS

ENTREVISTA COM PSICOPEDAGOGO

NOME: M.S.R

01 – Qual a sua formação Acadêmica?

R – Pedagogia – Licenciatura (Planejamento Escolar)

02 – Porque o interesse pelo curso de Psicopedagogia?

R – Queria fazer pós-graduação, minhas amigas já tinham feito psicopedagogia e gostaram muito, gostei do curso tanto que estou trabalhando na escola e exercendo a profissão.

03 – Qual o maior desafio que você teve que enfrentar em sua carreira? Quais as dificuldades?

R – Desafio são grandes principalmente em escola pública, onde os pais não interessam pelos estudos dos filhos. Falta espaço físico, apoio da direção na realização do meu trabalho, falta clareza entre o mundo do trabalho e a necessidade da educação.

04 – O que aprendeu na Psicopedagogia é utilizado no seu trabalho?

R – Tudo que aprendi estou colocando em prática, resgatando valores, respeitando o aprendente, conhecendo mais o aluno e sua família, orientando as professoras a fazerem um planejamento direcionado aos alunos com D.A.

05 – Como você vê a evolução da psicopedagogia na atualidade?

R – Acredito na necessidade urgente da preparação dos educadores em psicopedagogia com acesso permanente dentro da escola. Globalização exige do professor uma postura de conhecimento permanente em aprendizagem. A psicopedagogia nos ensina a lidar com as dificuldades nesta área.

06 – O que você diria para quem está iniciando agora na carreira?

R – Reflita sobre a função do psicopedagogo, pesquise muito, estude bastante porque vale a pena. Vá em frente, aceite os desafios. Não desista nunca, acredite no potencial do seu aprendente. Siga em frente, você é capaz!

07 – O curso de psicopedagogia mudou alguma coisa em você, em relação a: família, escola e sociedade?

R – Na questão da família tive uma nova visão, por exemplo, como criar meus filhos superando os conflitos relacionados a idade deles.

Escola – mudei minha postura em relação a determinados alunos que não queria nada em sala de aula. Passei a olhar as dificuldades de aprendizagem de outro ângulo e que tudo poderia ser resolvido com um bom diagnóstico.

Sociedade – principalmente na escola passei a comunicar com todos e respeitando as diferenças e aceitando com mais facilidade os problemas que vão surgindo.